

DIVERSIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

Tecendo caminhos para uma prática pedagógica dialógica
e inclusiva

VOL I



Paola Amorim Branquinho
Osmar Moreira de Souza Junior
2025



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Branquinho, Paola Amorim

Diversidade nas aulas de educação física [livro eletrônico] : tecendo caminhos para uma prática pedagógica dialógica e inclusiva : vol. I / Paola Amorim Branquinho, Osmar Moreira de Souza Júnior.

-- Guarujá, SP : Ed. dos Autores, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-42911-3

1. Diversidade 2. Educação física - Estudo e

ensino 3. Pedagogia 4. Professores de educação física - Formação I. Souza Júnior, Osmar Moreira de.

II. Título.

25-267461

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física : Professores : Formação
profissional : Educação 370.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

REALIZAÇÃO

Programa de Mestrado Profissional em Educação
Física em Rede Nacional - ProEF Universidade
Federal de São Carlos - UFSCar

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES)

ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

REVISÃO E CONTRIBUIÇÕES

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Profa Dra Ileana Wenz

ELABORAÇÃO

Profa. Paola Amorim Branquinho

PROJETO GRÁFICO

Paola Amorim Branquinho





ÍNDICE

01 APRESENTAÇÃO **04**

02 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E FÚTEBOL CALLEJERO **11**

03 PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS **17**

04 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS **24**

05 PRÁTICAS CORPORAIS DOS POVOS ORIGINÁRIOS **30**

06 PONTO FINAL ... OU PONTO DE PARTIDA **36**

07 REFERÊNCIAS **45**

APRESENTAÇÃO

Caro(a) Colega

Este material didático é fruto da pesquisa intitulada "Educação Física que não escolhe, acolhe: pedagogia engajada para a diversidade"(BRANQUINHO, 2025) cujo objetivo foi analisar os processos educativos emergentes de uma unidade didática voltada para o acolhimento das diversidades nas aulas de Educação Física.

A diversidade é um tema crucial e deve ser abordado de maneira a valorizar as experiências e realidades de todos(as) os alunos(as), pois busca promover um ambiente inclusivo e acolhedor nas aulas de Educação Física.

FONTE: canva.com



O trabalho com a diversidade nas aulas exige um reconhecimento das diferenças que os alunos trazem para o espaço escolar e a adoção de práticas inclusivas. Nessa perspectiva, na Educação Física, a diversidade emerge como uma temática importante a ser trabalhada em sala de aula, refletindo não apenas as diferenças físicas e habilidades motoras dos alunos, mas também aspectos culturais, socioeconômicos, de gênero, étnicos e outros (Odon ; Baptista 2024).

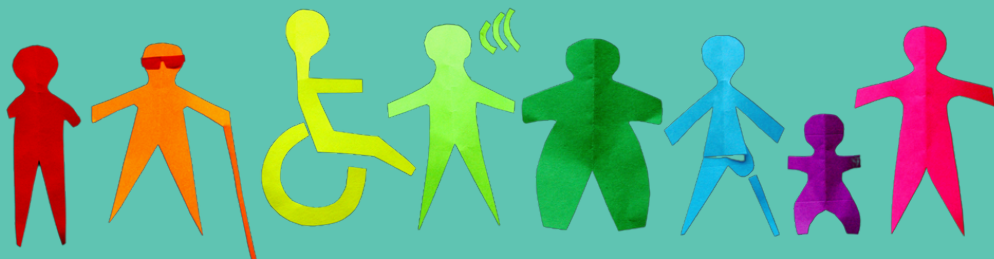
Elaboramos uma unidade didática, com oito temáticas distintas que serão divididas em dois e-books. Além disso, caso deseje o aprofundamento da temática, você terá um material de apoio complementar na opção click no slide, onde terá acesso a sugestões de slides e vídeos para problematizações de situações didáticas.

Neste volume você encontrará os seguintes temas:

- Comunidade de aprendizagem e metodologia do futebol Callejero;
- Práticas corporais inclusivas;
- Educação para as Relações Étnico-Raciais e as práticas corporais de matrizes africanas;
- Práticas corporais dos povos originários

Acreditamos que as temáticas destacadas, são uma excelente maneira de fomentar diálogos significativos e problematizações que podem levar à conscientização e à redução de desigualdades.

FONTE: canva.com



Tematizar um leque maior de práticas corporais voltado para o acolhimento das diversidades, constituiu um enriquecedor repertório a ser explorado no ambiente escolar como conhecimento a ser compreendido e ressignificado, o que poderá contribuir para a minimização de preconceitos sociais.

Além de ser uma contribuição para a ampliação e diversidade de conteúdos de ensino nessas aulas, o que contribuirá com os discentes para lerem e reconstruírem as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas que transitam na cultura de maneira crítica e participativa.



A conexão com as ideias de bell hooks e Paulo Freire, enfatizando a ética amorosa e a dialogicidade, é fundamental para transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado coletivo e respeitoso.



Ao adotar uma abordagem de Educação Dialógica e Pedagogia Engajada, os educadores podem criar um espaço onde o diálogo e as vivências práticas são valorizados. Isso não apenas enriquece a experiência de aprendizado, mas também ajuda a problematizar questões sociais e a promover a equidade.



Bell hooks compreende a comunidade como uma concepção de mundo onde as pessoas se conectariam com base na humanidade compartilhada. Ela permite a sensibilização de educadores/as e educando/as para assumirem posturas inclusivas na sala de aula, abraçando uma relação dialógica, incentivando o pensamento crítico e o compartilhamento de histórias, reconhecendo e valorizando a voz de cada pessoa. (Hooks, 2021)



Reconhecer as práticas corporais como um direito de todos os corpos é essencial para garantir que cada aluno se sinta respeitado e incluído, contribuindo assim para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.



Esperamos que este material, produzido a partir da experiência desta pesquisa, possa auxiliar no processo de reflexão acerca do acolhimento das diversidades nas aulas de Educação Física escolar.

Esperamos também que sua utilização em sala de aula proporcione uma experiência única e reflexões sociais, políticas e culturais que atravessam as práticas corporais.



“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes [...] É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros” (Freire, 1996, p. 12).

Diante do exposto convidamos a todos(as) para conhecer a nossa unidade didática, que nos auxiliou durante todo o processo de reflexão junto aos estudantes, esperamos também que este material não apenas auxilie na reflexão sobre a prática pedagógica, mas também inspire outros educadores a adotarem abordagens semelhantes, promovendo uma Educação Física que realmente acolha e valorize todas as vozes. Estou à disposição para discutir mais sobre essas práticas e como podemos implementá-las de forma eficaz em nossas aulas.

***Vamos juntos construir uma
Educação Física mais inclusiva e
transformadora!***



COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E METODOLOGIA CALLEJERA

OBJETIVOS

- Desenvolver autonomia por meio da vivência de uma prática corporal escolhida pelo grupo com enfoque na metodologia Callejera.
- Reconhecer e vivenciar um esporte como experiência democrática participativa.

FONTE: canva.com



. DIMENSÃO DO CONHECIMENTO

Experimentação: Vivenciar um jogo em que os alunos(as) irão se organizar para a criação das regras como uma experiência democrática e participativa.

Construção de valores: Refletir sobre respeito, cooperação e solidariedade no esporte. Refletir sobre as regras criadas e analisar o aumento (ou não) da participação dos alunos(as) na atividade.

MATERIAIS

- Slides
- Bolas
- Coletes
- Papel
- Caneta

NÚMERO DE AULAS 4



PARTE INICIAL

RODA DE CONVERSA:

Apresentação de slides que abordam a relação das práticas corporais e a exclusão dos “corpos” contexto escolar.

Problematizar a Educação Física como ambientes acolhedores que consideravam a diversidade e pluralidade de experiências corporais dos discentes.

Elencar quais as principais regras que caracterizam esse esporte (tempo de jogo, número de jogadores). Explicar brevemente o que é o Futebol Callejero e iniciar a vivência.



Desenvolvimento:

METODOLOGIA - FUTEBOL CALLEJERO: Dividiremos as equipes e explicaremos os três tempos do jogo:

1º tempo: definição coletiva das regras (o mediador irá anotar os combinados em um papel para fazer a mediação durante a roda final);

2º tempo: vivência dos jogos;

3º tempo: realização da roda de conversa para discussão e análise da pontuação das equipes, a partir do placar do jogo e dos três pilares que embasam a metodologia.



REFLEXÕES FINAIS:

Roda de conversa - reflexão sobre a participação dos alunos(as) na atividade - Como foi a experiência de todos(as) participarem da construção das regras? Como os alunos(as) se sentiram durante o jogo? O resultado final foi justo? Vocês acharam importante discutir sobre respeito, solidariedade e cooperação no jogo? Qual comparação vocês conseguem fazer entre o esporte espetacularizado e a metodologia Callejera?

É
TUDO
NOSSO!



Metodologia Futebol Callejero



3 tempos times mistos

mediador

S/ juiz



REGRAS 1º TEMPO

*RODA DE CONVERSA
OS DOIS TIMES ELABORAM
COLETIVAMENTE AS REGRAS
BÁSICAS JUNTO AO MEDIADOR
SOCIAL QUE OS ORIENTA.*

JOGO 2º TEMPO

*ROLA A BOLA
CONSIDERANDO AS
REGRAS QUE FORAM
ESTIPULADAS NO
1º TEMPO*



PONTOS 3º TEMPO

*RODA DE CONVERSA
ESPAÇO DE REFLEXÃO
PARTICIPANTES CONVERSAM SOBRE
A PARTIDA E SÃO CONTABILIZADOS
OS PONTOS DOS TIMES. NESTE
MOMENTO EXISTE O DIÁLOGO
SOBRE OS VALORES E ATRIBUIÇÃO
DA PONTUAÇÃO.*

METODOLOGIA CALLEJERA

UMA PRÁTICA DE MEDIAÇÃO



É UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM SÓCIO-CONSTRUTIVO QUE:



CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONFIANÇA



DEFENDE OS DIREITOS HUMANOS

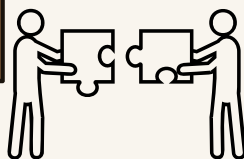
PROPICIA OS DIÁLOGOS E OS VÍNCULOS

LUTA PELA JUSTIÇA

PROMOVE A PARTICIPAÇÃO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

RECONHECE A DIVERSIDADE SOCIAL, CULTURAL E ÉTNICO-RACIAL

COLABORA COM O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA



SÚMULA DE FÚTBOL CALLEJERO

Cabeçalho (nome do evento, local, data, horário etc.)		
Nomes dos/das mediadores/as:		
EQUIPES	A:	B:
1º TEMPO		
REGRAS ACORDADAS:		
2º TEMPO		
PLACAR EM GOLS:	A:	B:
PONTOS OBTIDOS:	A:	B:
3º TEMPO		
PONTOS DE RESPEITO:	A:	B:
PONTOS DE COOPERAÇÃO:	A:	B:
PONTOS DE SOLIDARIEDADE:	A:	B:
PONTUAÇÃO FINAL		
TOTAL DE PONTOS (2º+3º tempo)	A:	B:

Sugestão de pontuação:

2º tempo: vitória = 3; empate = 2; empate = 2.

3º tempo: respeito = 2; cooperação = 2; solidariedade = 2

3

FONTE: canva.com



PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS

OBJETIVOS

- Reconhecer as práticas corporais esportivas para as pessoas com deficiência.
- Reconhecer as intersecções entre o esporte, a pessoa com deficiência e os marcadores sociais da diferença (raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social, idade entre outros).

DIMENSÃO DO CONHECIMENTO

Experimentação: Vivenciar dois esportes paralímpicos (Vôlei sentado e Goalball).

Análise: Refletir sobre o capacitismo, pessoa com deficiência e as práticas corporais

Construção de valores: Discutir os tipos de discriminação e preconceito sofridos por pessoas com deficiência no esporte.



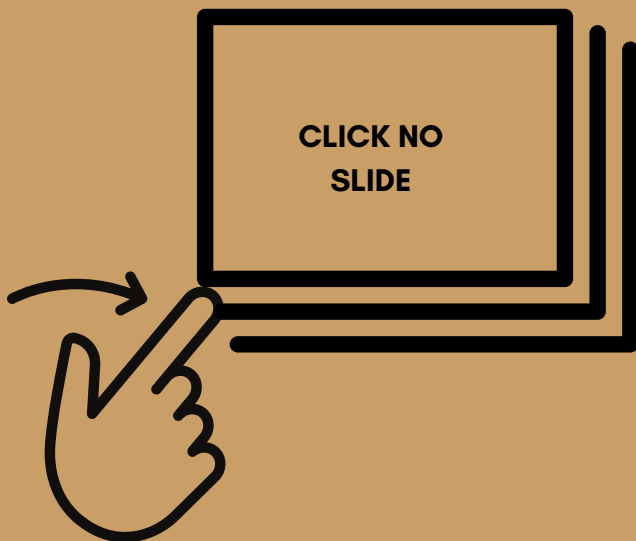
MATERIAIS

- Slide
- Bola de voleibol
- Bola com Guizo
- Cones.
- Vendas para os olhos
- Rede de voleibol

NÚMERO DE AULAS 4

PARTE INICIAL

Conversa: Apresentação dos slides abordando a história da pessoa com deficiência, o capacitismo e sua relação com as práticas corporais e Paralímpicas. Conhecer brevemente as regras do vôlei sentado e do Goalball.

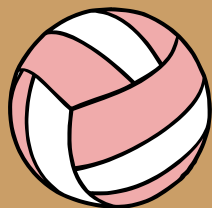


DESENVOLVIMENTO

. **01: Pega-pegado sentado:** Um jogador(a) é escolhido como pegador(a), e os demais fogem dentro dos limites estabelecidos previamente. Os alunos(as) deverão deslocar-se pelo espaço da quadra sentados, quando um jogador(a) é pego ele se tornará o pegador.

02: Vôlei sentado adaptado: É uma adaptação do vôlei sentado, permite que os jogadores retenham a posse da bola, será permitido dar mais de três toques na bola. O saque pode ser executado com as duas mãos (por baixo) ou por cima de acordo com o nível de experiência do discente e o set é encerrado em 25 pontos. Todos os jogadores têm de jogar sentados. Com exceção dos deslocamentos em quadra, o contato com o chão precisa ser mantido em toda e qualquer ação de contato com a bola.





DESENVOLVIMENTO

.03: Vôlei sentado: O objetivo do Vôlei sentado é lançar a bola por cima da rede a fim de fazê-la tocar a quadra adversária, e evitar que o adversário faça o mesmo. A equipe pode fazer até três toques na bola antes de retorná-la para o time adversário (além do toque de bloqueio). A partida inicia através do saque: o sacador lança a bola por cima da rede em direção ao adversário. O jogo acontece até que a bola caia na quadra, fora ou até que uma equipe retorne incorretamente para o adversário. No voleibol, o sistema de pontuação é definido por rally, sendo que ganha um ponto a equipe que vencê-lo. Quando a equipe receptora do saque vence um rally, ela ganha um ponto e o direito de sacar, e os jogadores rodam uma posição na quadra, no sentido horário.

Ganha a partida a equipe que vencer três sets de cinco. A equipe que marcar 25 pontos vence. As equipes são compostas por 6 jogadores em cada time. Todos os jogadores têm de jogar sentados. Pode haver contato das pernas entre os jogadores, desde que não atrapalhe o jogo do adversário. Com exceção dos deslocamentos em quadra, o contato com o chão precisa ser mantido em toda e qualquer ação de contato com a bola. O saque pode ser bloqueado no vôlei sentado.

DESENVOLVIMENTO

04: Deslocamento com guia: Em dupla um discente estará vendado e o outro sem venda eles irão se deslocar no espaço da quadra sendo que o aluno sem venda terá a responsabilidade de guiá-lo. Variações os discentes poderão trotar, correr pelo espaço em seguida ocorrerá a troca das posições dos discentes. Divisão de dois grupos, um de olhos vendados e outro sem venda, eles estarão distantes e o objetivo da atividade será o encontro do grupo vendado com o outro sem venda que através de palmas guiarão os colegas neste encontro

05: Goalball Alvo: Os participantes estarão posicionados em colunas ou em pontos estratégicos, distribuídos de acordo com o número de participantes, posicionando-se de frente para seu respectivo cone a 9m de distância. Ao sinal do professor o primeiro aluno(a) de cada coluna executará um arremesso com a bola de goalball em direção ao seu respectivo cone, tentando acertá-lo e retornar ao final da sua coluna. Variar as formas de arremesso (de frente, de costas, rasteira, quicada).





DESENVOLVIMENTO

.06: Goalball: Para essa vivência na quadra no pátio, adaptaremos alguns materiais.

Gol: Utilizaremos toda a extensão das linhas de fundo da quadra de vôlei como gol.

Bola: Caso não tenha bola com guizos, usaremos uma bola de basquete, futebol, vôlei, etc.

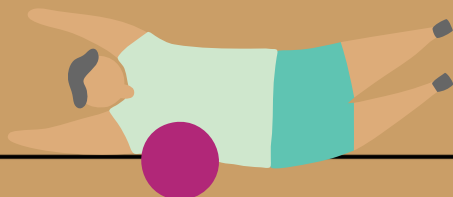
Participantes: Cada equipe será composta por 3 participantes (arremessadores e defensores) devidamente vendados.

Objetivo do jogo: transpor a bola pela linha de fundo da equipe adversária (gol).

Desenvolvimento: Os arremessos ao gol serão feitos de forma sequencial: o primeiro a lançar é o jogador(a) que esta à direita, o próximo, o jogador central e, depois, o jogador que está à esquerda.

A bola deverá ser arremessada com as mãos, podendo quicar na quadra. Qualquer parte do corpo pode ser usada para defesa.

Após lançar a bola e a equipe adversária realizar (ou não) a defesa, inverte-se as posições, ou seja, quem lançou a bola toma posição de defesa para esperar o lance da equipe contrária.



REFLEXÕES FINAIS:

Roda de conversa: Dialogar com os discentes sobre as sensações e sentimentos que emergiram durante a atividade. Questionar quais foram as sensações e dificuldades encontradas em jogar com limitações (sentados e com vendas). Trazer reflexões sobre a não valorização dos esportes para as pessoas com deficiência. Neste momento é importante o professor(a) ficar atento se irá surgir alguma frase ou fala capacitista, como por exemplo, “nossa, e eu aqui reclamando da vida”, “é um exemplo de superação” entre outras. Mesmo que não surja tais falas, o professor(a) irá conduzir a reflexão para desmistificar a superioridade que as pessoas sem deficiência acham ter, diminuindo as pessoas com deficiência.



4

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

OBJETIVOS

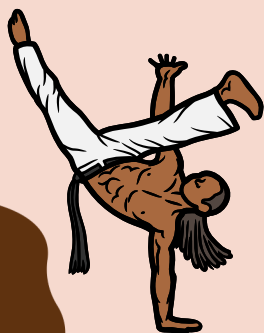
- Reconhecer as desigualdades étnico-raciais na sociedade e, especificamente, nos esportes.
- Valorizar a cultura de matriz africana, reconhecendo a sua importância e vivenciando suas práticas corporais.
- Analisar e apresentar as formas como a educação antirracista está presente nas aulas de Educação Física para promover a representatividade positiva dos alunos negros no ambiente escolar.

DIMENSÃO DO CONHECIMENTO

Experimentação: Vivenciar duas práticas corporais de origem afro-brasileira (Capoeira, Maculelê)

Análise: Refletir sobre o preconceito e o modo que se dá a participação de pessoas negras nas práticas corporais.

Construção de valores: Analisar as formas que uma educação antirracista promove a representatividade positiva dos discentes negros no ambiente escolar.



MATERIAIS

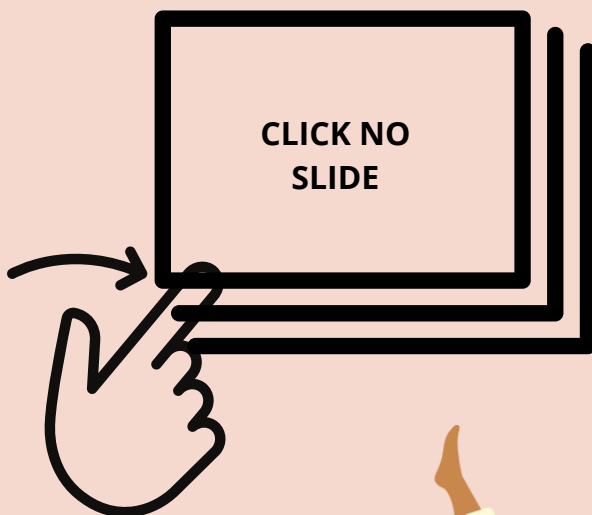
- Slide
- Instrumentos de capoeira (pandeiro, berimbau, atabaque)
- Garrafas pets
- Som
- Tatames
- Coletes

NÚMERO DE AULAS 4



PARTE INICIAL

Conversa: Apresentação dos slides abordando a relação do racismo com as diversas práticas corporais. Dialogar sobre a construção de uma educação antirracista. Conhecer brevemente a história da Capoeira e do Maculelê.





DESENVOLVIMENTO

. **01- Ginga:** Em duplas, um aluno(a) fica em pé, com as pernas um pouco afastadas e o outro colega da dupla irá fazer um pequeno círculo, no chão, em volta de cada um dos pés de seu colega. Em seguida, solicite que o aluno desloque sua perna esquerda para trás e tente permanecer em equilíbrio nessa posição. O seu colega de dupla irá desenhar o terceiro círculo em volta do pé esquerdo do colega. Na sequência o aluno(a) que está com o giz, liga os pontos formando um triângulo.

Trocam-se as funções. Após todos os alunos(as) terem seus triângulos formados, irão gingar colocando os pés nos pontos desenhados. Durante a realização da ginga o pé esquerdo vai atrás e volta e o pé direito faz o mesmo, pisando no mesmo ponto para manter o equilíbrio do corpo.





DESENVOLVIMENTO

. **02- Ginga criativa:** Em duplas um de frente para o outro com um colete entre eles e ao som de uma música da capoeira, os discentes farão o movimento da ginga, quando a música parar, o discente que pegar o colete leva o ponto. Variação o colete pode estar nas costas dos colegas.

03- Bênção: Em duplas, cada dupla com uma folha A4. Um colega segura a folha e o outro vai acertá-la com uma bênção. Agora o professor/a dificulte um pouco, o colega joga no ar a folha e o outro deve acertá-la no ar para que se realize uma troca de funções dos alunos(as).



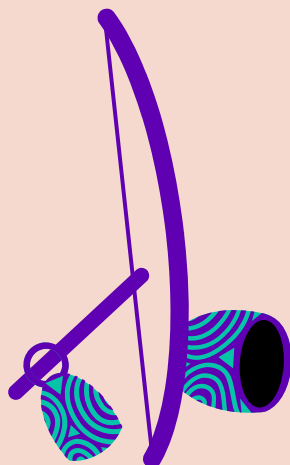


DESENVOLVIMENTO

04 Exploração dos instrumentos: Divisão de grupos ocorrerá a exploração livre dos instrumentos de capoeira que a escola possui (atabaque, berimbau, pandeiro e caxixi). Logo em seguida ocorrerá a roda de capoeira com os movimentos que os discentes já conhecem, incentivando o protagonismo e troca de conhecimento entre todos(as).

05- Maculelê: Utilizando garrafas pets, após pesquisa prévia os alunos(as) irão explorar os movimentos escolhidos para elaborar sua composição coreográfica. Os alunos(as) poderão escolher se preferem utilizar uma música ou os instrumentos disponíveis na escola, assim como a divisão de papéis.

06- Apresentações: Momento de apresentações coreográficas dos grupos





REFLEXÕES FINAIS:

. **Roda de conversa:** Dialogar com os discentes sobre as sensações e sentimentos que emergiram durante a atividade. Verificar quais discentes já haviam vivenciados essas práticas corporais na escola. Trazer reflexões sobre a não valorização das práticas corporais de matrizes africanas. Refletir sobre como valorizar as práticas corporais de matrizes africanas e de como construir uma educação antirracistas.



FONTE: canva.com



PRÁTICAS CORPORAIS DOS POVOS ORIGINÁRIOS

OBJETIVOS

- Reconhecer as intersecções entre práticas corporais, povos originários e marcadores sociais da diferença (gênero, sexualidade, classe social, política, idade entre outros).
- Reconhecer o modo que se dá a participação dos povos originários nas práticas corporais.
- Valorizar a cultura dos povos originários, reconhecendo a sua importância e vivenciando suas práticas corporais.

DIMENSÃO DO CONHECIMENTO

Experimentação: Vivenciar práticas corporais de matrizes indígenas.

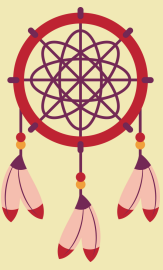
Análise: Refletir sobre o preconceito e o modo que se dá a participação dos povos originários nas práticas corporais.

Construção de valores: Valorizar a descolonização dos currículos com intuito de amparar a emergência de uma educação que reconheça a heterogeneidade da sociedade e as variadas formas de ser e saber no mundo.

MATERIAIS

- Slides
- Bolas
- Bastão
- Garrafas pets
- Aro
- Corda
- Tatames

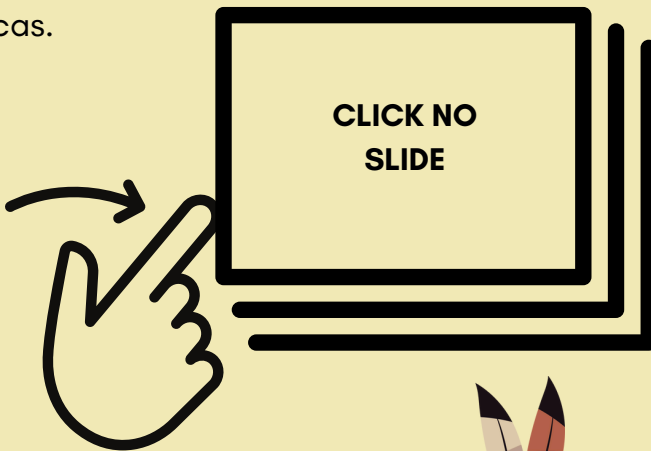
NÚMERO DE AULAS 4



PARTE INICIAL

Conversa: Apresentação dos slides abordando a relação das práticas corporais e os povos originários, reconhecendo sua importância.

Problematizar o quanto essa cultura é invisibilizada. Apresentar os Jogos Mundiais Indígenas e vivenciar algumas práticas.



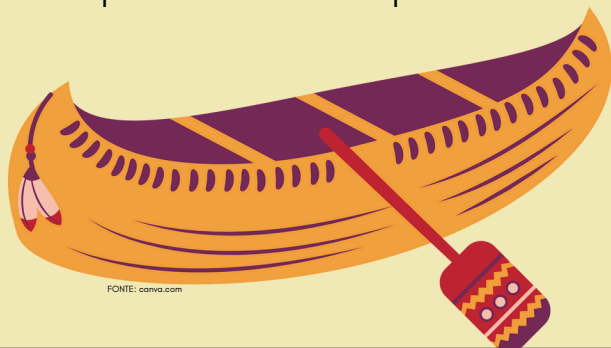
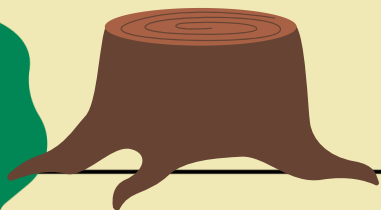


DESENVOLVIMENTO

. **01- Corrida do Bastão Sagrado:** Os alunos(as) partem de fila, e um a um levam o bastão sagrado até um local determinado e voltam para passar o bastão para outro de sua equipe. Isto se repete até que o último volte para a fila. Nos jogos Indígenas é a primeira atividade da competição. Os indígenas acreditam ser esse um ritual de limpeza espiritual do local dos jogos.

2- **Derruba Toco:** É praticado pela população Pataxós de Minas Gerais. É também conhecida como Maracá. Nesta atividade os lutadores entram em um círculo de aproximadamente 8 m de diâmetro, com um toco de árvore ao centro. Para vencer seus oponentes, os lutadores precisam derrubar o toco ao centro, utilizando alguma parte do corpo do adversário, ou empurrando seus oponentes para fora do círculo.

Adaptações: Utilizar garrafas pets com carreira para simular o tronco.



FONTE: canva.com

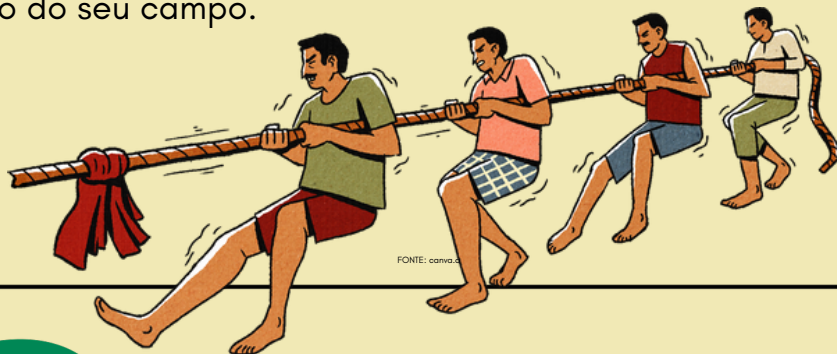


DESENVOLVIMENTO

. **03- Ti Uru:** Este jogo consiste em um treinamento de força em forma de luta, onde duas pessoas competem segurando uma espécie de arco feito com galhos de árvore e amarrações de barbante. Cada um escolhe uma das mãos para segurar o aro e ao sinal do professor(a) devem forçar o oponente a forçar o objeto, sem utilizar a outra mão nem empurrar o oponente.



4- **Cabo de força:** É disputada em equipe, cujo objetivo é medir a força física dos participantes. Nas competições dos jogos indígenas é estabelecido 10 atletas por equipe. Há um cabo (corda de cipó) com uma fita presa exatamente no meio. Ganha a equipe que conseguir trazer a fita para dentro do seu campo.





DESENVOLVIMENTO

. **05- Rõkrã:** É um jogo coletivo indígena tradicionalmente praticado pela etnia Kayapó, do estado do Pará. O esporte possui semelhanças ao hockey sobre grama. É jogado em um campo de tamanho semelhante ao do futebol, variando no número de jogadores, divididos em dois times com, geralmente, cerca de dez ou mais jogadores de cada lado.

Cada participante utiliza uma espécie de bastão, chamado borduna, cujo objetivo é rebater uma pequena bola feita de coco especialmente preparada para a modalidade. Os jogadores de cada time se posicionam em fila de dupla indiana de frente para o seu adversário, colocando o bastão no chão. A bola é colocada no centro para que uma das equipes escolhidas dê a primeira rebatida para o time oponente, iniciando o jogo.

Os atletas saem lateralmente de suas posições para defender, rebater para o campo oposto ou mesmo para o companheiro(a) de frente e, assim, sucessivamente, até ultrapassar a linha de fundo, marcando o ponto. O jogo é bastante parecido com um dos esportes mais populares no Canadá, o Lacrosse, que também é considerado de origem indígena naquele país.



REFLEXÕES FINAIS

Roda de conversa: Questionar os alunos(as) sobre as sensações e sentimentos que emergiram durante a atividade. Dialogar sobre a construção de uma educação que valorize as práticas corporais indígenas e suas tradições, reconhecendo a heterogeneidade da sociedade e as variadas formas de ser e saber no mundo.



FONTE: canva.com

PONTO FINAL ... OU PONTO DE PARTIDA

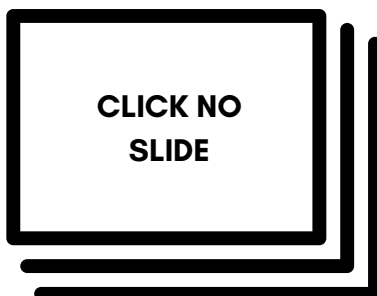
Caro/a professor/a, oferecemos esta unidade didática como intuito de despertá-lo/a para a implantação de abordagens transformadoras da Educação Física, em que temas que acolham a diversidade possam estar presentes nos ambientes escolares.

Para tanto, é imprescindível não nos calarmos diante os interesses hegemônicos, propiciando uma Educação Física que contribua para a inclusão de todos, que combata as desigualdades e preconceitos e que busca o fortalecimento e construção das identidades étnico-raciais em todo os estabelecimentos de ensino do Brasil. Ao longo do processo, identificamos a necessidade de envolver os alunos na construção do conhecimento, ou seja, seria necessário que os discentes se tornassem protagonistas, superando a antidialogicidade e promovendo um ambiente de diálogo e reflexão sobre os marcadores identitários que influenciam as práticas corporais.

Acreditamos que este material possa auxiliar os(as) profissionais no âmbito educacional com possibilidades de intervenções e adaptações.

Caso deseje acessar o volume II, que abordará as seguintes temáticas: Educação Física tradicionalista, estereótipos e práticas corporais, tTRANSformando as práticas corporais e gênero e práticas corporais, acesse o link abaixo

Bora começar!!!!



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Arthur. José. M. DE .; ALMEIDA, Dulce. Maria. F. DE .; GRANDO, Beleni. Salete.. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 32, n. 2-4, p. 59-74, dez. 2010.
- ANDRES, de Suélen.; JAEGER, Angelita. A.; GOELLNER, Sylvania. V. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). *Revista da Educação Física/UEM*, v. 2, n. 2, Maringá, abr./jun, p. 167- 179, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v2i2.23016>>.
- ARAÚJO, Ulisses F. *Temas Transversais, Pedagogia de projetos e as mudanças na educação*. 1ª edição. São Paulo: Editorial Summus, 2014.
- ARCARI, Franciele; OLIVEIRA, Sandra Rogéria de. Esportes adaptados: goalball e voleibol sentado nas aulas de Educação Física. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E SEMINÁRIO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 1, 2017. Anais... Chapecó, SC: Unochapecó, Chapeco, SC, 2017.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno Cedes*, Campinas, ano 19, n. 58, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPrBBcvglQbHv9s#>. Acesso em: 5 set. 2024.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF. 10 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 27 de julho de 2024.
- BRITO, Leandro; SANTOS, Mônica. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235 - 246, abr./jun. 2013.
- CAMARGO, Wagner. X.; KESSLER, Cláudia. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017. DOI 10.1590/S0104-71832017000100007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/issue/view/3613/819>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- CASTRO, José Davi Leite; VENÂNCIO Luciana. A capoeira na educação física escolar: caminhos para a justiça social. *Revista Humanidades e Inovação*. Palmas v. 10 n. 17 (2023) p.109-117: Educação e Justiça Social
- CHASSOT, Attico Inácio. Sete escritos sobre educação e ciências. São Paulo: Cortez, 2008. A pesquisa de saberes primeiros catalisando a indisciplina. In: AZEVEDO, José Clovis; REIS, Jonas Tarcísio (Org.). *O Ensino Médio e os desafios da experiência: movimentos da prática*. São Paulo: Fundação Santillana e Moderna, 2014.p. 115-133.
- CORRÊA, Denise. Aparecida. Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 23 de dez de 2024.
- CRUZ, Marlon. M. S.; PALMEIRA, Fernanda. C. C. Construção da Identidade de Gênero na Educação Física Escolar. *Rio Claro: Motriz*. jan./mar. 2009. v. 15. n. 1. p. 116-131.

REFERÊNCIAS

- CRUZ DE OLIVEIRA, Rogério.; DAOLIO, Jocimar. Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. Movimento, Porto Alegre, v.16, n.1, p. 149-167, jan/mar, 2010
- DAOLIO, Jocimar .Educação física escolar: em busca da pluralidade. Revista Paulista de Educação Física, [S. l.], n. supl.2, p. 40-42, 1996. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1996.139646. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139646>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- DARIDO, Suraya. C. Educação física na escola questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003
- FONSECA, Michele. P. S.; BRITO, Leandro. T. Por uma perspectiva inclusiva na Educação Física Escolar. In: CARVALHO, R. M. A.; PALMA, A.; CAVALCANTI, A. S. S. Educação Física, soberania popular, ciência e vida. Niterói: Intertexto, 2022. p. 69-83
- FONTOURA, Helena Amaral da. Formação de professores para a justiça social: uma reflexão sobre a docência na Residência Pedagógica. Revista ibero-americana de estudos em educação, v. 12, n. 1, p. 120-133, 2017.
- FREITAS Liliann R. P. Foucault, Butler e Louro vão à escola: Reflexões sobre gênero e diversidade no cotidiano escolar. In: MONTENEGRO, Rosilene D.; SILVA, Fabio R. (org.). Estudo de Gênero: Sexualidade, corpo e representação. Campina Grande - PB - Editora Amplla, 2022.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003
- GAIO, Roberta.; PORTO, Eline. Educação Física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: DE MARCO, A. (Org.). Educação Física: cultura e sociedade. Campinas: Papirus, 2006.
- GOELLNER, Sylvania. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de formação RBCE, p. 71 – 83, mar. 2010.
- GOELLNER, Sylvania. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Sylvania. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Apresentação. Desigualdade e Diversidade na Educação. Educação e Sociedade – Revista de Ciências da Educação, Campinas, v. 33, n. 120, p. 687-693, jul.-set. 2012
- GONZÁLEZ, Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar I. Cadernos de formação RBCE, p. 09 – 24, mar. 2009.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.
- HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria à prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- HOOKS, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez; SANTOS, Claudia Reis dos. Gordofobia na escola: Lute como uma gordinha. In Oliveira Vanilda Maria et al. (org). Corpo, corporeidade e diversidade na educação. Uberlândia : Culturatrix. 2021.502 p., il. DOI: 10.4322/978-65-86889-06-2

REFERÊNCIAS

- JUNQUEIRA, Rogério. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In:_____. (org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da educação, Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, Brasília, DF: UNESCO, 2009.
- KEMPE, Gédson. C.; CHASSOT, Attico. I. Práticas corporais indígenas inseridas à Educação Física escolar não indígenas. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 26, n. 62/2, p. 549-567, 2017. DOI: 10.29286/rep.v26i62/2.5498. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5498>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- LOURO, Guacira. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MALDONADO, Daniel. T.; NEIRA, Marcos. G. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 19-25, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n3.26982. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/26982>. Acesso em: 21 dez. 2024.
- MALDONADO, Daniel. T.; COSTA, Ana. L. M. Participação de transexuais nas práticas corporais: problematizações potentes para a Educação Física Escolar. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 171-195, 2023. DOI: 10.14393/REP-2023-67436. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/67436>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- NEIRA, Marcos G; NUNES, Mário L. F. Educação física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s). Curitiba: CRV, 2016. p. 15-66.
- ODON, Camila. da C. O. .; BAPTISTA, Tadeu. J. R. ABORDAGENS DO TERMO DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. Corpoconsciência, [S. l.], v. 28, p. e17947, 2024. DOI: 10.51283/rc.28.e17947. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17947>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- PAIM, Eliane. R.; FRIGÉRIO, Neide. A. O desafio de trabalhar a diversidade cultural na escola. Universo Acadêmico: Nova Venécia – ES, n.5, p. 15-28, jan./jun. 2004
- RECHINELI, Andrea.; PORTO, Eline. T. R.; MOREIRA, Wagner. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 14, n. 2, p. 293-310, maio 2008.
- RIBEIRO, Andréa Jaqueline Prates e colaboradores. Goalball adaptado - Pibid educação física/SMO. Anuário pesquisa e extensão Unoesc São Miguel do Oeste, v. 2, p. e13170, 2017.
- SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. A luta por visibilidade des afrolatines como desafio curricular à educação física antirracista. In: FILGUEIRAS, Isabel Porto; MALDONADO, Daniel Teixeira Currículo e prática pedagógica de educação física escolar na América Latina. Curitiba: CRV, 2020, p.29-42.
- SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. A Educação Física antirracista e a luta por visibilidade dos/as afro-latinos/as como desafio curricular. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, v. 36, n.1, p. 133-146, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/18076/13706>. Acesso em: 27 dez. 2024.

REFERÊNCIAS

- SOUZA JÚNIOR, Marcilio. O saber e o fazer pedagógico da Educação Física na cultura escolar: o que é um componente curricular. In: CAPARROZ, E. (Org.). Educação Física Escolar: política, educação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001.
- SOUZA JÚNIOR, Osmar; Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores. In: WENETZ, I; ATHAYDE, P; LARA, L. (org). Gênero e sexualidade no esporte e na educação física. Natal: edufnrn, 2020, p. 47 - 61.
- TENÓRIO, Jerdeson. G.; SILVA, Cinthia. L. DA. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. Teoria e Prática da Educação, 2014 v. 17, n. 1, p. 81-91, 11.
- VAGO, Tarcísio M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 1, 2009.
- VALÉRIO, Ricardo José; NEVES JUNIOR, Claudio Luiz. Diversidade nas aulas de educação física das escolas públicas de Araxá-MG. Evidência, Araxá, v. 10, n. 10, p. 61-74, 2014
- VAROTTO, Nathan; SOUZA JÚNIOR, Osmar. Futebol callejero: um olhar para os processos educativos. Folia, Minas Gerais, v. 4, n. 2, p. 44 - 60, mai./ago. 2019.
- ZOBOLI, Fabio.; MANSKE, George. S.; GALAK, Eduardo. A generificação dos corpos de atletas trans e políticas de biologização do sexo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021.
- DOI10.1590/1806-9584-2021v29n279304. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79304>. Acesso em: 03 de agosto de 2024.
- WENETZ, Ileana.; STIGGER, Marco. P.; MEYER, Dagmar. E. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-128, 2013

CONTATO

osmar@ufscar.br
paola.amorim@estudante.ufscar.br

